

A pergunta como fator de aprendizagem

Constructo da pedagogia logosófica



Cristina Coronha
Psicopedagoga clínica, orientadora vocacional, consultora educacional para o Desenvolvimento de Valores e Talentos e docente da Fundação Logosófica do Brasil

Os seres humanos são inquietos por natureza, criativos em seus hábitos, propensos às alterações e mudanças da vida, condições significativas para o desenvolvimento e a aprendizagem. Os animais, diferentemente, agem de forma rotineira e fazem suas moradias sempre do mesmo modo, porque não inquirem para rever, não observam para aperfeiçoar, não evoluem no que fazem instintivamente, apesar de possuírem a inteligência da natureza.

São as perguntas que movem aspirações e projetos e assinalam o universo cognitivo, o nível de interesse, a capacidade intelectual e sensível daquele que inquire. Elas acompanham toda a nossa história de vida, porém existem algumas fases em que parecemos mais ávidos por elas: quando a criança tem cerca de 4 anos, vive a idade dos porquês e pergunta tudo, demonstra interesse em saber, em entender a causa dos fenômenos, em compreender o mundo que a cerca e a si mesma. Depois, por volta dos 6 anos, indaga sobre Deus, sobre a morte, demonstra estar sensível a questões transcendentais. O adolescente também vive uma fase de questionamento, de outra natureza, nem sempre manifesta.

Esses questionamentos são inquietudes, forças que ajudam a manter vivo o anelo de arrancar das profundezas ignoradas os segredos que haverão de iluminar o foro íntimo, como ensina González Pecotche.

Que belo e estimulante fator impulsor de crescimento! As perguntas vêm como necessidade de construir os conceitos e o entendimento que ainda não se tem. E as explicações dadas pelos pais e professores ajudarão a formar ou deformar a visão da realidade.

Com o avançar da idade, o homem parece ter se esquecido de se ocupar (seriamente) com esse chamado interno, deixando de se perguntar, de querer saber, aprender – a não ser por necessidade material –, assumindo uma atitude passiva, preguiçosa, acomodada. E tem passado da idade dos porquês (que deveria ser eterna) para a idade da resignação.

Queria fazer um convite: vamos recordar as atitudes docentes que temos tido no momento em que uma criança ou adolescente nos inquire sobre algo de maior transcendência. Perguntas desse tipo: Como eu nasci? Por que papai saiu de casa? Como faço para deixar de ser assim? Por que não aprendo?



©ferlistockphoto/Stockphoto

Muitos anos atrás, minha filha, ouvindo-me falar a palavra *luta*, perguntou o que significava lutar, talvez porque tivesse percebido um sentido diferente. Ela estava com 8 anos, fase formativa do caráter, precisando de elementos para construir seus conceitos, e eu, com a consciência do meu dever de educar, comecei a reperguntar e depois falar, em tom de questionamento. Sabia que mesmo que sua mente não captasse/entendesse toda a vastidão desse conceito, certamente a sensibilidade recolheria os elementos e os guardaria na memória para, mais tarde, servir de ajuda à razão para formar seus juízos. Aproveitei para mostrar a luta como lei da vida, em situações do dia a dia, no assumir uma atitude responsável de fazer sempre o melhor, no cultivo de bons pensamentos e boas ações, na luta individual, interna, de reforçar valores e qualidades, de ser verdadeiramente valente e buscar ser feliz.

Quantas vezes, diante das perguntas insistentes dos filhos ou dos alunos, pedimos que se caleem? Ou não damos importância? Ou desmerecemos suas indagações? Temos levado elementos para que pensem? Elementos de lógica e verdade? Temos aproveitado essa oportunidade para conhecer como eles pensam, quais têm sido suas preocupações, suas inclinações, seus receios, suas tendências? Outro dia vi uma criança perguntar para a mãe por que não poderia ficar na rua sozinha e a mãe respondeu que a velha mendiga e bruxa poderia pegá-la. Por que mentimos? Por que inventamos histórias tão irreais e imaginativas? Será que é porque não temos a clareza da nossa responsabilidade? Ou não sabemos o que responder porque não pensamos? Será que estamos tão acomodados e, por isso, repetimos as eternas respostas prontas que a nossa cultura falida tem nos oferecido?

O que temos feito com nossas crianças e nossos adolescentes? O que temos feito com nós mesmos? Será que matamos a vontade de aprender que pulsa em todos nós porque invalidamos o (nobre e transcendente) exercício de perguntar?



A pedagogia logosófica ensina que, antes de ensinar, precisamos aprender, que necessitamos desenvolver as funções de estudar para aprender, para ensinar e pensar e chegar a realizar.

Recordo de um aluno que já chegava à escola causando tumulto, arranjando brigas, com vocabulário chulo; não obedecia a regras, nem seguia rotinas; seus deveres e pertences estavam sempre desordenados e sem asseio, nada estava do seu agrado. Eu reagia com seu modo de ser e por isso não consegui, no início, estabelecer um vínculo e ajudar na aprendizagem. Foi então que me lembrei de uma indagação da pedagogia logosófica: *Até quando seguiremos pensando que são os demais os que devem mudar o seu modo de ser? Este não é um bem que devemos a nós mesmos?*

Antes de querer que ele mudasse e aprendesse, questionei-me: o que falta em mim? Comecei, assim, meu trabalho educador: quem era aquela criança? Que pensamentos manifestava e em que momentos? Com que atividades e amigos tinha maior afinidade? Quais eram suas tendências negativas e positivas? Fui registrando e estudando o aluno para chegar às possíveis causas, aprendendo sobre aquela psicologia. Paralelamente, fui fazendo um trabalho de estudo comigo mesma, sobre minhas reações e atitudes: por que reajo com ele? Que condições docentes me faltam? Todo o processo vivido gerou frutos que colho até hoje porque foram respaldados na máxima logosófica que diz que saber ensinar significa ter uma ilimitada paciência, uma ilimitada tolerância, uma capacidade para penetrar nas mentes e dominar a ciência da espera.

As *perguntas* são consubstanciais com a própria força que sustenta a vida humana. São como um algo a mais que falta à alma humana conhecer. Conhecer para aprender. Aprender para ser mais feliz. ■

cristinacoronha@yahoo.com.br